

Dialogos de Amador Arrais, «revistos e acrescentados pelo mesmo autor nesta segunda impressão» (da 1.<sup>a</sup>, feita em 1589, creio não existir, no Brasil, exemplar algum), posso apontar: *portuguesa* (com z e não s) e *uzar* logo no Prologo; *canonisou* (20); *anatomisou* (9, duas vezes) a par de *eternizar* (7); *introduzir*, *introduzio* (7 e 8); *pezares* (7); *loquases*, *efficases* (33); a terminação *-eza* escripta ora com z, ora com s, *fraquesa*, *grandesa* (31), *certesa* (8), *tristesa*. Os verbos *fazer*, *dizer* occorrem umas vezes com z, de accordo com a tradição, outras vezes com s, *faserdes* (8), *fas*, *faseis* (5), *fasimento* (10), *faser* (33), *diser* (31), etc. No mesmo livro confunde-se tambem s com ç em *sapatos*, antigamente *çapatos* (2, 2), e *sujo* (13 e passim) a par do tradicional *cujo*.

Pelo seculo XVII não sómente era nullo o criterio do ouvido para dêcidir sobre o emprego das mencionadas letras, mas ainda devia ir-se enfraquecendo a influencia da graphia tradicional. Interessados entretanto os editores, mais que os autores, em evitar a balburdia, esforçaram-se até certo ponto por conservar o costume antigo. Naquelles casos, porém, em que havia incerteza ou esquecimento da escripta usual de outrora e, por mingua de conhecimentos etymologicos, ou não acudia ao espirito a imagem do respectivo termo latino ou não se percebia a relação phonetica entre os vocabulos de uma e outra lingua, nesses casos vacillava-se na graphia, escrevendo o vocabulo ora de um, ora de outro modo, ou então firmava-se a maneira de escrever muitas vezes em pura contradição com a pratica do passado.

No volume da Historia de S. Domingos de Fr. Luis de Sousa, do anno de 1632, posto que publicado depois dos Dialogos de Arrais, empregam-se todavia as letras s e z menos irregularmente. Não são tantas as hesitações e a graphia se aproxima em geral mais do criterio antigo. Esta melhoria na systematisação da escripta evidentemente não significa a restituição de um phonema desde muito tempo desaparecido. Casos de escripta duvidosa são: *thezouro* (Prol. e 177) a par de *thesouro* (3); *dezejarão* (Prol.); *roza* a par de *rosas*, *rosario* (178); *francez* (91), *ingrez* (31, 182), *aragonez* (20) ao lado de *ingres* (177, 181); *portuguez* com z (18, 19, 3 vezes, 20, 21, 23, 181) a par de portu-

gues com *s* (20, 23, 24, 180, 187, 4 vezes, Prol. 3 vezes) etc.

Nos Sermões de Vieira occorrem frequentemente *dezejo*, *dezejar*, *pezo*, *pizar*, *empreza* e outros. Nomes patrios apparecem com *-ez* e *-es*. No sermão de S. Antonio (vol. 2) manifesta-se decidida preferencia pela letra *z* na graphia *portuguez*, *portugueza*, *portuguezes* em dezenas e dezenas de exemplos. Só nas paginas 130, 135, 131, 129 assignalamos respectivamente dous, quatro, seis e onze casos.

Em algumas das obras impressas no seculo XVIII encontramos *filozofia*, *quazi*, *curiozo*, *dezalmado*, *fermozo*, *carinhozo*, *Luzitania* etc., parecendo querer a letra *z* usurpar o lugar do *s* intervocalico. É a epoca em que Luis Antonio Verney propõe reforma orthographica na qual include semelhante modificação, e logo applica a reforma em seus escriptos.

Contra esta pratica revolucionaria reagiu-se no mesmo seculo XVIII, bem como no seculo XIX, attendendo-se á etymologia latina, quando esta era evidente. Mas quando intercorriam palavras de origem menos conhecida, deixava-se de insistir no criterio etymologico. Como alterações hoje geralmente aceitas, nota-se a terminação *-es* dos patronymicos (*Gonçalves*, *Soares*, *Nunes* etc.) em que já não se usa *-ez*, e bem assim o emprego de *s* antes de consoante (*mesquita*, *mesquinho*, *tisnar* etc.). Duvida ha sobre a terminação tonica primitivamente representada por *-ez* (ou *-és*). A graphia *-ez* é mais simples; a outra, fiel ao antigo uso, requer o auxilio do accento circumflexo para differenciar-se a terminação oxytona da não accentuada.

Apesar de todas as regras, a representação ora por meio de *s* ora pelo symbolo *z*, de um só phonema — a sibilante dental sonora — não deixa de causar, por vezes, embarços, mórmente quando o phonema se acha entre vogaes. Uma simplificação pratica se adoptou no seculo XIX relativamente a um suffixo verbal em que a sibilante se filia a certa consoante grega transcripta, segundo a tradição, pela letra *z*. Rompeu-se com o passado e systematicamente se substituiu *-isar* a *-izar*: *suavisar*, *caracterisar*, *tranquillisar*, *horrorisar*, *agonisar*, *realisar*, *generalisar*, *judaisar*, *monopolisar*, *baptisar*, *escandalisar*, *civilisar* etc.

Vocabulos mil vezes repetidos com esta graphia e assim usados por Herculano e outros escriptores coevos\*).

Com esta pratica facilitou-se a escripta, passando a letra s a servir tanto para o referido suffixo, como para a representação da sibilante entre i e as vogaes a, o e no interior de certos vocabulos cuja filiação é menos facil de apurar, senão de todo obscura, como *brisa*, *avisar*, *aviso*, *liso*, *alisar*, *balisa*, *abalisar*, *friso*, *frisa*, etc.

Esta escassa conquista no sentido da uniformisação e simplificação orthographica tem sido ultimamente menoscabada, graças á preocupação etymologica que leva a escrever *suavizar*, *realizar*, etc.

O estudante, para ter certeza da graphia de *balisa*, *frisa* etc., tem de consultar dictionario ou vocabulario orthographico. Não poderá dar a razão do s em taes palavras, por muito que se jacte de saber que z de *-izar* provém do grego. A origem do suffixo *-iser* da lingua franceza não seria cousa menos conhecida aos linguistas da Sorbonne; entretanto, nem por isso se lembraram por lá de alterar a graphia de *réaliser*, *civiliser*, *baptiser*, etc.

---

\*) É digna de nota esta insistencia em escrever sempre *-isar* no autor das Lendas e Narrativas, que estaria farto de ver *-izare* em latim e *-izar* em portuguez antigo. Manteve sempre a mesma graphia ainda depois de 1859, quando, em attenção ao latim *-ense*, passou a escrever *português*, *inglês*, *irlandês*, etc.

## Os vocabulos: especies, formas e significação

A parte da grammatica que estuda os vocabulos denomina-se **lexeologia**. Differe da phonetica em considerar os sons combinadamente e denotando idéas e relações. No exame das palavras verifica serem estas geralmente formadas de duas partes: o *radical*, parte mais ou menos estavel e de significação propria, e *affixos*, elementos variaveis, de significação relativa, isto é, de valor semantico sómente na combinação com o radical. Palavras ha que não apresentam mais que o radical, por ter desaparecido o elemento variavel em que terminavam.

Os affixos, divididos em prefixos, suffixos, terminações e desinencias, dão ao vocabulo a diversidade de formas. Daqui o costume de se chamar *morphologia* ao estudo destes elementos e de suas relações com o radical. Esta feição particular que se dá á lexeologia tem fundamento na grammatica de linguas como o latim e o grego, com desenvolvido systema de declinação e conjugação, e tambem na grammatica das linguas romanicas quando se mostra como as formas latinas se mudaram nas destes idiomas modernos. Porém vem menos a proposito o termo *morphologia*, e promette mais do que tem para dar, quando, posto em lugar de lexeologia, se propõe estudar a evolução das palavras em lingua moderna já constituida.

Não examina a lexeologia as palavras sem primeiro dividil-as em um pequeno numero de grupos de accordo com certos caracteres communs. Base desta classificação é o

sentido geral das palavras, inquirindo-se se denotam seres, qualidades, acções, relações, etc.; e dahi a divisão em nomes, pronomes, verbos, etc., que por sua vez se subdividem, attendendo sempre a caracteres de ordem semantica, como veremos em seu lugar.

## Nomes em geral

As palavras com que se designam os seres e seus attributos chamam-se simplesmente *nomes*. É o termo mais desprezencioso e mais acertado de toda a nomenclatura grammatical. Fazendo-se, como se faz, distincção entre as denominações dos seres propriamente ditos e as denominações dos attributos de dimensão, tamanho, cor, consistencia, etc., pelos quaes os differencamos uns dos outros, torna-se necessario dividir os nomes em **substantivos e adjectivos**.

Os attributos, posto que sejam inherentes aos seres, são considerados muitas vezes como se existissem separados delles, como se fossem outras entidades. Os substantivos que os representam chamam-se **abstractos**; são **concretos** os nomes de referencia directa aos seres. *Alegria, tristeza, formosura, probidade* são substantivos abstractos; *casa, mulher, jardim, homem* são nomes concretos.

② Dá-se ao substantivo o qualificativo *commum* se é nome applicavel não sómente a um ser, mas a todos aquelles que tiverem os mesmos caracteres; e chama-se substantivo *proprio* o nome com que se distingue algum individuo de entre outros congeneres desprezando os caracteres genericos.

Nomes com terminações adequadas para denotar diminuição ou augmento das dimensões, proporções ou condições usuaes, são **diminutivos** ou **augmentativos**.

Uma ou mais unidades se assignalam pelos numeros **singular** e **plural**; varias unidades em conjunto se dizem por meio de termos usados no singular e chamados **collectivos**.

Os substantivos têm genero: **masculino** ou **feminino**

Os adjectivos têm formas de singular e plural e genero de accordo com o substantivo. De alguns podem-se formar

augmentativos e diminutivos. Peculiar aos adjectivos são os graus de comparação.

### Nomes diminutivos

Querendo significar que certo ente possui dimensões notavelmente inferiores ás que deveria ter segundo o conceito medio que formamos de outros seres congeneres, dizemos o respectivo nome seguido de um qualificativo apropriado ou ajuntamos ao nome um suffixo de função diminutiva: *mesa pequena, mesinha; jardim pequeno, jardimzinho.*

Nomes derivados de outros por meio de taes suffixos chamam-se **diminutivos**. O suffixo *-inho -inha* acrescenta-se directamente ao vocabulo terminado em consoante (*lugarinho*), e, se o substantivo terminar por vogal pura atona, esta será previamente supprimida (*livrinho*). Não serve este suffixo para as palavras terminadas em vogal nasal, em vogal pura tónica ou em ditongo. É necessario substituí-lo então por *-zinho, -zinha* (pode graphar-se depois de vogal *-sinho, -sinha*); *jejumzinho, pásinha, liçõesinha, paisinho, mãisinha*. Pode-se usar este suffixo *-zinho* tambem para os demais substantivos, a que se ajunta directamente, e é em geral a forma preferida.

Em linguagem familiar substituem-se, mais em Portugal que no Brasil, os mencionados suffixos não raro por *-ito, -ita, -zito, -zita*.

Noção diminutiva exprime tambem *-ola* nas palavras seguintes, ao passo que em outras tem sentido differente: *aldeola, bandeirola, portinhola*. Limitado é o emprego de outros suffixos para derivar puros diminutivos, como em *ilheta, naveta, maleta, baleote, etc.*

⁂ A percepção de seres pequenos, como crianças, crias de animaes, objectos de uso commum, delicados e de pequenas proporções, associa-se facilmente o sentimento de carinho, e d'ahi resulta dizerem-se muitas vezes, tão sómente para despertar este sentimento, sob a forma diminutiva os nomes de seres que na realidade não são pequenos, e entender-se este uso aos adjectivos: *mocinho, bomzinho, bonitinho, amiguinho, tolinho, grandesinho, pobresinho, etc.*

Em alguns casos o adjectivo em *-inho* é usado com o valor de superlativo: *bolsa cheiinha*, *prato limpinho* (= perfeitamente limpo), etc.

O emprego, tão estimado na linguagem familiar de hoje, de adjectivo com a terminação diminutiva *-inho*, *-zinho*, ocorre, de alguns seculos a esta parte, tambem em linguagem literaria, faltando naturalmente este signal de tom carinhoso ao estilo rude e secco do portuguez antigo. Em Fr. Luis de Sousa, Vieira e Bernardes, para não mencionar outros autores, topam-se exemplos analogos ao falar de hoje:

Este *esfarrapadinho* innocente ensina a Fr. Bertolomeu a ser arcebispo (Sousa, Arc. 1, 97). — Notou... a paciencia do *pobrezinho* (ib. 1, 96). — Tomavão da terra, lançavão-na sobre a cabeça... Fazia o *surdinho* outro tanto (Sousa, S. Dom. 118). — Belchior, porque era *pretinho*, ficasse em Belem por escravo (Vieira, Serm. 4, 533). — E estes degradados... são os *santinhos* que lá se mandão (ib. 4, 538). — Aquella lesma tão *tenrazinha* (Bern. N. Flor. 1, 284). — E não sómente fazer-se homem, mas menino, *pobrezinho* entre palhas, *enfazadinho* em pannos... e tomando o peito da Virgem Mãi, para se fazer mais carinhoso, meigo e accessivel (ib. 1, 242). — Contradizem-me a mim e me perseguem em meus filhos *pequeninicos* (ib. 1, 146). — Viu hum *velhinho* (ib. 1, 308). — A *pobrezinha* Roma (ib. 2, 144). — Não porque... se mostre ser *maiorzinho* o beneficio (ib. 2, 145). — Era tão *baizinho* que huma vez para ser ouvido se atrepou a um cepo (ib. 3, 196)\*).

### Nomes augmentativos

Diz-se que está na forma augmentativa todo o nome (substantivo ou adjectivo) marcado de certa terminação por meio da qual se denota ir extraordinariamente alem do commum a noção expressa pelo radical. A terminação pode ser: *-az*, precedido de outros phonemas, como em *fatacaz* (= fatia grande), *ladravaz* (= grande ladrão); *-aço*, como em *riçaco*, *ladroaço* (*alguns delles não são só ladroensinhos, se não ladroassos*; Bern. N. Fl. 4, 271), *peccadoraço* (Bern. N. Fl. 4, 340) e outros; *-il*, como em *corpanzil*, ou, finalmente, a mais usual de todas, *-ão*, que tambem pode occur-

\*) O proprio adverbio *cedinho* na forma diminutiva, não é nenhuma creação dos nossos tempos: *Ai de ti, oh terra cujos governadores atmoçam cedinho* (Bern. N. Flor. 1, 28).

rer, conforme o vocabulo, desenvolvida em *-arão*, *-arrão*, *-eirão*, *-zarrão*, *-alhão*, *-gão*.

Quanto ao emprego e formação do augmentativo em *-ão*, continua-se em portuguez, posto que com vocabulos novos, a historia dos substantivos latinos em *-o*, gen. *-onis*, designativos de pessoas, os quaes pertenciam, explica Lindsay, em geral á linguagem plebéa ou familiar e tinham sentido depreciativo. Derivavam-se de adjectivos, de substantivos e verbos.

Do augmento exagerado ao ridiculo não é grande a distancia; e assim se usam por ironia *valentão*, *sabichão*, *santarrão* augmentativamente. Nem é por elogio que chamamos *solteirona* á mulher que, carregada de primaveras, não se casou.

Francamente depreciativos são *comilão*, *beberrão*, *chorão*, *besuntão*, *trapalhão*, *pedinchão*, *pedintão*, *babão*, *brigão*, *resmungão*, *mandão*, *mandrião*, derivados de verbos para denotar a pessoa que pratica a acção com frequencia ou insistencia.

Alguns augmentativos designam actos violentos: *empurrão*, *empuxão*, *trambolhão*, *bofetão*, *carapetão*, *escorregão*, *esfregão*, *mergulhão*, *apalpão*, *apertão*, *beliscão*, *arranhão*. *Comichão* exprime sensação viva de prurido (= alguma cousa que come).

Substantivos femininos designativos de cousas concretas passam a masculinos se se transformarem em augmentativos: *a casa*, *o casarão*; *a vaga*, *o vagalhão*; *a parede*, *o paredão*. Em varios destes termos em *-ão* operou-se a especialisação de sentido. *Florão* não é qualquer flor grande, mas certo ornato de architectura em forma de flor; *portão* não é necessariamente porta grande, o de um gradil até pode ter dimensões bem pequenas; *garrafão* chama-se certa vasilha avantajada propria para aguardente; *facão* é utensilio differente da grande faca de mesa; *palavrão* se diz do termo empolado e tambem de palavra obscena; *boqueirão* augmentativo de *boca*, usa-se como termo geographico; *pulgão* é insecto differente de *pulga*.

Augmentativos de sentido especializado, e tambem varios outros, podem tomar suffixo diminutivo: *portãosinho*, *caxãosinho*, *facãosinho*.

Comparada com a derivação diminutiva, caracteriza-se



a derivação augmentativa pela maior variedade de formas, mas ao mesmo tempo pela sua extraordinaria deficiência. Pode-se geralmente accrescentar *-inho*, *-zinho* a qualquer substantivo, mas é relativamente diminuto o numero de vocabulos a que é possível ajuntar *-ão* ou alguma das suas variantes: *cabecinha*, *vestidinho*, *penninha*, *cadeirinha*, porem *cabeça grande*, *vestido comprido*, *penna grande*, *cadeira grande*, etc.

Os diminutivos, alem disso, têm facil accesso á linguagem elevada, ao passo que os augmentativos se usam antes no estilo comico, na prosa faceta e na linguagem familiar. Sá de Miranda nas comedias empregou *toleirão*, *frieirões* (2, 92); *cachoparrão* (2, 85); *beliquinaz* (2, 101); A. Ferreira na comedia de Bristo: *velhancão* (2, 312); *doudarrão* (ib.); *mansarrão* (2, 322); *rafianaz* (2, 357); *ladravaz* (2, 358); F. Manoel de Mello, em Ap. Dial. 101: *o simplalhão do abbade Gabriel*; em Fid. Apr. 22: *queres sempre ser princeza e eu seja madraceirão*. Nada disto apparece nos Lusitadas. Nem haveria lugar para *molleirão*, *asneirão*, *mocetão*, *pobretão*. Em compensação: *eu o vi certamente — e não presumo que a vista me enganava — levantár-se no ar hũ vaporzinho* (Cam., Lus. 5, 19); e em Vieira, Serm. *bordão-sinho* (11, 269); *corposinho* (11, 223); *fradinho* (11, 362) etc.

### Substantivos collectivos

Seres da mesma especie apparecem aos nossos sentidos, ou á nossa imaginação, ora como individuos dispersos, ora como individuos agrupados. Designam em especial esta segunda situação nomes chamados **collectivos**, como *multidão*, *collecção*, *exercito*, *banda* e outros.

O caso mais simples é o do colectivo dual, em que serve o termo *casal* para dous seres de sexo differente, e *par* significando dous objectos que costumam andar juntos, como *par de luvas*, *par de sapatos*, ou duas partes similares de um objecto que constituem o todo, como *par de olhos*.

Collectivos de pluralidade referentes a animaes são: *manada* (de animaes de certo vulto); *rebanho* (de ovelhas); *fato* (de cabras); *vara* (de porcos); *cardume* (de peixes); *ma-*

*tilha* (de cães de caça); *encame* (de abelhas, vespas ou outros insectos); *cafila* ou *corja* (de camelos).

Esta distinção que hoje se faz era menos rigorosa na antiga linguagem; pois que se podia dizer:

Fezerm presas em dous *fatos de vaccas* (F. Lopes, D. J. 163) — Elefantes... quasi em manadas, como *fatos de vaccas* (Barros, Dec. 1, 10, 1) — Grande *fato de ovelhas* (ib. 1, 1, 11) — *Cardume de rans* (Vieira, Serm. 8, 52) — Lobo voraz que na *manada das ovelhas* entrou (Castro, Ul. 6, 62) — Hum *rebanho de vaccas* vê defronte (ib. 2, 66).

Figuradamente applicam-se tambem a pessoas algumas destas expressões. Não é raro por exemplo o termo *cardume* em Barros e Couto para denotar massa compacta de gente. No mesmo sentido usam estes escriptores as metaphoras *pinha*, *peso*:

Logo acudio hum grande *peso de gente* (Barros, Dec. 2, 2, 1) — Logo que o vio [ao ilheu] feito hũa *pinha de gente* (ib. 2, 2, 1) — Remetiam os elefantes ao *cardume de gente* (ib. 6, 4).

Não menos frequentes são *golpe*, *ramo* e *manga*:

Ajunta *dos seos hũ boõ golpe* pera ir sobre os nossos (Castanh. 3, 106) — E dalli mandou hum *ramo de gente* miuda ao passo de Agacij (Barros, Dec. 2, 5, 4) — A entrada delle foi *com golpe de gente* (ib. 2, 3, 6) — Foram dar com hum *golpe de Rumes* (ib.). — Tres *mangas* de arcabuzeiros (B. Cruz, Seb. 2, 65).

*Cafila*, no arabe, donde o importámos, significa o mesmo que caravana. Esta noção não a haviam perdido os Portuguezes quando applicavam o termo a pessoas, navios etc. que caminham uns atraz dos outros:

Veio hum grande *cafila de gente* a pé toda preta (Barros, Dec. 2, 1, 2) — Despedio Fernão Rodrigues de Carvalho pera Barcelor com hũa *cafila de navios* de mercadores (Couto, Dec. 8, 37).

Diversamente usado vem o colectivo em Castilho (Metam. 133): *açulam a cafila* (de cães) *bravia*.

As vezes pode-se formar o colectivo por simples suffixação, como em *boiada*, *cavalhada*, *carneirada*, *casaria*, *fradaria*, *gritaria*. Por meio da terminação *-al* obtêm-se nomes que designam grande porção de vegetaes da mesma especie plantados ou que crescem em certa extensão de terreno: *bananal*, *feijoal*, *trigal*, *laranjal*, *seringal*, *faial*, *rosal*, *pinhal* (ou *pinheiral*), *cafésal*, etc.

## Plural dos substantivos

Forma-se o plural dos substantivos accrescentando *-s* á terminação vocalica, e *-es* á terminação consonantal: *rio-s*, *penna-s*, *mar-es*, *cruz-es*. Palavras terminadas em vogal nasal simples em que se representa a nasalização pela letra *m*, mudam esta letra em *-n* ao passarem para o plural: *homem*, *homens*; *jardim*, *jardins*.

Vocabulos não-oxytonos terminados por sibilante, como *oasis*, *ourives*, conservam-se, segundo a linguagem hodierna, inalterados no plural. Em portuguez antigo dizia-se porem *ourivezes*, de que ha bastantes exemplos no Livro Verm. (Ined. 3, pags. 428, 448, 449, etc.) e ainda em escriptores quinhentistas. Do plural *alferezes* dão testemunho: *Alferezes volteião as bandeiras* (Cam., Lus. 4, 27). — *Então se chegaram os alferезes ás bandeiras* (Sousa, Arceb. 2, 375).

Das palavras em *-l* seguem rigorosamente a regra geral *mal*, *males* e *consul*, *consules*. No plural dos demais nomes dá-se o desaparecimento de *l*: *dedaes* (por *deda(l)es*); *lençoes* (por *lenço(l)es*). Em port. ant. *sol* conservava a consoante no plural: *se o sol tomasse outra molher, faria outros filhos que seriam soles e dariam tanta quentura de si* (Livro de Esopo 14). Nas Ord. D. Man. 1, tit. 45 usa-se ainda *roles* como plural de *rol*.

*Real* formou, segundo a regra, *reaes* no plural. Appli- cado o termo á moeda portugueza, o plural *reaes* ao cabo de certo tempo degenerou completamente em *réis*, apesar do voto de Fernão d'Oliveira: «*real reais* assi quando he substantivo como ajétivo. E não digamos dous reeis, tres reeis».

Nos vocabulos em *-el*, desaparecendo a consoante ao formar-se o plural, entram em contacto duas vogaes semelhantes. Dissimila-se a segunda, ficando *-eis* por *ees* (de *-e(l)es*): *annel*, *anneis*; *papel*, *papeis*. O antigo *meles*, plural de *mel*, resistiu por muito tempo á alteração. Castilho ainda usou esta forma em *espremia aos panaes os meles espumantes* (Georg. 241); mas em outros passos (Georg. 19, 227, 235, 245, 251, 257, 295) emprega já o plural *meis*.

No plural dos substantivos em *-il* houve, pelo contra-

rio, assimilação e final absorpção da segunda vogal, resultando *-is* de *-iis* < *-ies* < *-iles*: *covil, covis*; *ardil, ardis*.

Os substantivos em *-il* são oxytonos. *Reptil*, apesar da origem latina, não se usa em portuguez como adjectivo; toma, por analogia dos outros substantivos, accentuação na syllaba final, e o seu plural *reptis*, formado igualmente por analogia, acha-se documentado em Castilho (Misant. 18); em Garret (Viagens 2, 112): *esmaga os reptis que te corroem*; em Herc. (M. de C. 2, 251): *os reptis mais extravagantes*; e em Fil. Elysio (14, 68): *mudados canta os nunes, varões mudados em reptis, em aves*.

Nas mesmas condições se acha *projectil*, que, não se usando senão como substantivo, deve ser oxytono com o plural *projectis*. Em Portugal dizem comtudo *projecteis*. *Fossil*, pelo contrario, tanto substantivo como adjectivo, conserva a accentuação latina e tem o plural em *-eis*, *fosseis*, como os demais adjectivos paroxytonos.

Innumeros são os substantivos terminados em *-ão*. Como procedem, salvo poucas excepções, uns por filiação directa, outros por criação analogica, de nomes latinos em *-o*, gen. *-onis*, formam naturalmente o plural em *-ões*. Manteve-se aqui a regularidade do plural, ao passo que a antiga terminação do singular *-õ* (que tambem se graphava *-om*) se alterou em ditongo. Em *-ões*, dos velhos codices, o segundo *o* sem til representaria o prolongamento phonetico da primeira vogal, cousa que hoje não se percebe: *oraçom, orações*; *entençom, entenções*; *coraçõ, corações*; *razom, razõ, razões*; *deleitaçom, deleitações*; *condiçom, condiçõ, condições*; *nações*; *perfeiçom, perfeições*; *desposiçõ, desposições*; *tentações*; *cuidações*, etc.

A regra geral do plural em *-ões* vigora para a linguagem moderna, sendo applicada naturalmente a quaesquer termos novos: *civilisações, vagões, salões, montões, felicitações, estremeções*, etc. Deste oceano de substantivos em *-ão* mal tiramos umas duas duzias de vocabulos com plural differente, a saber:

a) com a terminação *-ães*: *pão, pães*; *cão, cães*, e do mesmo modo, *capitão, capellão, charlatão, escrivão, bestião* (Herc., M. de C. 2, 247), *catalão, allemão* (tambem adjectivo), *guardião, sacristão, sultão, deão*.

b) com a terminação *-ãos*: *christão, irmão, pagão, mão, chão, cidadão, alão, grão, cortezão, romão* (port. ant.) *vão* (e o composto *desvão*). Accrescentem-se a estes os paroxytonos em *-ão*: *accordão, orfão, sotão, orgão* e outros. A mudança de accentuação deu lugar a que a palavra *benção*, cujo plural era *benções* (assim usado ainda pelo padre Vieira) viesse a fazer *bençãos*. Inversamente, *zangão*, tornado oxytono, tem hoje o plural *zangões* (em vez de *zángãos*).

Nos seguintes, posto que passem por ter plural duvidoso, tende a fixar-se a forma regular em *-ões*: *aldeão, aldeãos e aldeões; ancião, anciãos, anciães e anciões; villão, villãos e villões; truão, truães e truões*.

Entre os escriptores antigos e, ainda, entre quincentistas e seiscentistas, eram em maior numero as excepções e oscillações. *Cidadães* (occorre ainda em Sá de Miranda, vol. 2, pags. 105, 139 e 140); *gaviães* (Couto, Dec. 4, 7, 10); *anãos* (Bern., N. Flor. 1, 402); *cidadões* (Bern., N. Flor. 2, 114); *ermitãos* (Arr. 440); *ermitães* (em port. ant. e Vieira, Serm. 8, 403); *pãaos* (= pavãos, L. de Esopo 23); *cirurgiães* (Bern., L. e C. 334); *peães* (frequente entre os quincentistas).

O plural do antigo *diamã* ou *diamão* (= diamante) era *diamães*.

Os termos em *-ane* e *-anu*, donde se originaram os pluraes em *-ães* (port. ant. *-ãaes*) e *-ãos* (port. ant. *-ãaos*), recebidos do latim, foram mui poucos em comparação da onda de nomes em *-one* com que se enriqueceu o idioma portuguez; e teria havido menos difficuldade em formar o plural desses diversos nomes se no singular as terminações *-om*, *-am* e *-ão* houvessem permanecido sempre distintas entre si. Ao contrario disso, principiaram ellas cedo a confundir-se na pronuncia, e d'ahi o embaraço não sómente para o plural de vocabulos de filiação latina, cuja etymologia era obscura ou esquecida, mas ainda para os termos que novamente se cunharam ou importaram do estrangeiro.

Certos nomes hoje usados no singular diziam-se antigamente no plural. Assim *peitos*, por influencia do sentido especial de seios, *mammás*, *narizes*, por tomar-se tambem na accepção de ventas, e *queixadas* (= maxillares) denotando queixo:

Pela bocca e pellos *nareces* (S. Graal 6) — Chegou-lhe ás *queixadas* e logo ho vazou com hũa estocada (Castanh. 5, 17) — Poseram-

lhe hū punhal nos *peylos* porque se calasse (ib. 2, 122) — Onde rosto e *narizes* se cortava (Cam., Lus. 3, 41) — Obrigou a que o anjo 'ao passar por elle tapasse os *narizes* (Bern., N. Flor. 1, 332).

*Costas*, a principio mero plural de *costa*, significando o mesmo que o hodierno «*costella*», continúa a usar-se no plural, esquecida esta significação, como equivalente de «*dorso*».

Nomes de materia, empregados actualmente quasi sempre no singular, podiam dizer-se outrora com a forma de plural:

*Açucares, melles, manteigas* (Pina, D. J. 2.º, 116) — Todos os *arrozés* que vierão de fora (Castanh. 3, 72) — Quisesse trocar carnes por *azeites* e *vinhos* (Castanh. 5, 18).

Igualmente alterados na terminação eram os nomes de ventos *levante*, *ponente* para exprimir o cursar frequente:

Como já os *levantes* cursavão fez muy pouco caminho (Castanh. 5, 19) — Ora cõ *ponentes*, ora com *levantes* chegou a vinte legoas de Judá (ib. 5, 11) — E tornando os *levantes* avia de tornar a Judá (ib. 5, 11).

Dizemos hoje em dia tanto *gema* como *clara de ovo*, porem Diogo de Couto:

Este de hum ovo, que poz hum galo, formara o mundo todo, da *gema* os ceos, e das *claras* os elementos (Dec. 5, 8, 12).

Não costumamos pluralisar certos termos como *vontade*, *cabeça* e outros referidos a diversos individuos, ao contrario do antigo uso nestas frases:

Homens, mulheres e meninos metidos na agua com as *cabeças* de fora (Vieira, Serm. 7, 818). — La escrevo aos Pautagatins e regeadores que lhe acudam com alguma esmola: fazei que seja por suas *vontades* e nãc por força (ib. 8, 288).

### Genero dos substantivos

Appellativos que designam seres humanos tomam o genero naturalmente de accordo com o respectivo sexo: o *homem*, a *mulher*; o *genro*, a *nora*; o *pai*, o *padre*, o *padrinho*, o *compadre*; a *mãe*, a *madre*, a *madrinha*, a *comadre*; o *padrasto*, a *madrasta*.

Raros são os casos como os exemplos precedentes, em que o feminino é vocabulo muito diverso do masculino. Basta em geral alterar a terminação, sendo característica do feminino a vogal *-a*: *filho, filha; noivo, noiva; menino, menina*. Semelhantemente *irmão*, pronunciado a principio *irmã-o*, deu no feminino *irmãa*, isto é, *irmã-a*, hoje reduzido a *irmã*. *Avô* e *avó* resultam respectivamente de *avoo*, *avoa*, tornando-se aberta a vogal *o* do feminino por influencia da terminação *-a*. *Rei, rainha* procedem do latim *rex, regina*.

*Rapaz* faz no feminino *rapariga*.

Certos nomes de titulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações *-issa, -isa, -essa, -eza*: *sacerdote, sacerdotisa; diacono, diaconisa; prior, prioreza* (tambem *priora*); *abade, abbadessa; conde, condessa; principe, princeza* (em lugar de *principeza*); *barão, baroneza; duque, duqueza*.

Nomes em *-e* não comprehendidos nesta categoria resistem em geral á mudança, tornando-se *communis* de dous, como *amante, estudante, hereje, agente, cliente, protestante, viajante*. Usam-se porem com a característica *-a*: *freira, feminino de freire* ou *frade, parenta, mestra, monja, hospeda e infanta*.

Tornou-se o falar hodierno, neste ponto, mais sobrio que a linguagem quinhentista e seiscentista, onde se encontram:

Casado com hũa *nayra* christãa (Castanh. 2, 28) — Duas *castras* (ib. 2, 6 e passim) — Esta *giganta* era rica (Barros, Clar. 164 e passim) — Hũa *comediante* (Vieira, Cart. 2, 180) — Gracejando com as *farsantas* (Bern., N. Flor. 2, 314) — Hũa *comediante* (ib. 5, 248).

Não estariam, entretanto, grandemente convencidos os quinhentistas da correcção desta linguagem se já hesitavam entre *a infante* e *a infanta*, como facilmente se vê na Chronica de D. Manoel por Damião de Goes. A forma *infanta*, tornou-se, comtudo, a preferida por Vieira e outros, e prevaleceu.

Feminino de *heroe* é *heroína*. Os nomes de origem estrangeira *landgrave, margrave, czar* fazem respectivamente *landgravina, margravina, czarina*.

Dos appellativos em *-or* formam *embaixador, imperador, actor*, o feminino em *-triz*: *embaixatriz, imperatriz* (o povo

portuguez dizia *emperadora*), *actriz*. Desconhecia-se esta formação na phase primitiva da linguagem portugueza; devem-se taes vocabulos á influencia erudita ou á importação directa do estrangeiro. Vieira, posto que empregue *emperatriz* (*entre a emperatriz e Catharina*, Serm. 11, 571, *emperatriz de Alemanha*, ib., app. 23), faz, todavia, concessão á linguagem popular quando diz: *rainha sobre todos os reys, e emperadora sobre todos os emperadores* (Serm. 11, 239).

Verdade é que a intenção aqui é dar relevo não tanto ao titulo, como á effectividade do acto de imperar. Fala-se da Virgem Maria. No mesmo sentido se emprega o termo em G. Vic. 1, 144: *Deos te salve, Emperadora*.

O proprio processo de accrescentar *-a* ao substantivo em *-or* só com o tempo conseguiu generalisar-se. Assim vemos o termo *senhor* usado nos Cancioneiros ainda como substantivo commum de dous.

Em lugar da formação regular, usam-se, em certos casos, femininos em *-eira*: *varredeira, vendedeira* (Livro Verm. ap. Coll. Ined. 3, 480 e 482), *tecedeira, serzideira, carpideira, arrumadeira* e outros. Nenhuma relação morphologica ha entre estes femininos e os masculinos em *-or*. Prendem-se, sim, aos derivados em *-eiro*, designativos de individuos que exercem certos mesteres ou profissões; e sendo varias occupações exercidas, desde tempos remotos, principalmente pela mulher, fixou-se, em taes casos, a forma feminina em *-eira*, antes que se creassem os respectivos termos masculinos, para os quaes o uso preferiu muitas vezes palavras terminadas em *or*.

Posto que se assignalem com a terminação *-a* os nomes femininos, não se infere d'aquí que femininos sejam, por sua vez, todos os nomes terminados por esta vogal. Assim, denotando varões, não podem deixar de ser masculinos *monarcha, heresiarcha, patriarcha, pirata, agiota, jesuita, homicida, nauta, camarada, espiritista* e muitos outros. Varios destes nomes podem-se applicar a mulheres, ficando então inalterados, excepto *poeta, profeta* que fazem *poetisa* e *profetisa*.

Para os nomes em *-ão* dispomos de tres maneiras de formar o feminino. Seguem o typo *irmã*, fem. de *irmão*, *aldeã, anã, anciã, castellã, charlatã, cidadã, cirurgiaã, foã* (S. de Usque, 2, 129) *cortezã, peã, sacristã*; e tambem *christã*,



*pagã, cintrã, coimbrã, comarcã, catalã, bretã, allemã*, femininos de palavras usadas ora como substantivos, ora como adjectivos. *Romã*, adjectivo, é o feminino do antigo *romão* (= *romano*). Nada tem que ver com *romã*, substantivo, de origem arabe. *Sultão* faz excepcionalmente *sultana*.

Põem a terminação *-oa* em lugar de *-ão*: *abegoa, beiroa, bretoa* (tambem se diz *bretã*), *ermitoa, horteloa, patroa, rascoa, villoa* (ou *villan*). Do substantivo *tabellião* formou-se o adjectivo *tabellioa*. *Ermitão*, como adjectivo, faz *ermitã*. *Japão*, usado outrora em lugar de *japonez*, fazia *japoa*: aos *Japões á Japoa* (Vieira, Serm. 8, 164). De *capitão* usou-se outrora o feminino *capittoa*: *Esta foi eleita por capittoa de todas* (Couto, Dec. 6, 2, 2); *nao Capittoa*.

O terceiro modo, finalmente, consiste em mudar *-ão* em *-ona*. É, sobretudo, nos augmentativos que se usa esta forma: *bonacheirona, chorona, figurona, mandriona, besuntona, fanfarrona, porcalhona, resmungona, trapalhona, solteirona, valentona, santarrona, pedinchona, sabichona*; ha tambem o fem. em *-ã*: *as vossas velhas sabechans* (Mello, Ap. Dial. 229), *feianchona, parlapatona*.

Importa notar que até o seculo XVI reinava ainda bastante incerteza quanto ao feminino dos nomes em *-ão*. Diz o grammatico Fernão d'Oliveira assim: «Estes nomes eu nam os pronunciaria nesta forma *cidadoa*: *capittoa*: *viloo*: *rascoa*: *aldeoa*: mas pronuncial-os-ia assi: *aldeã*: *vilã*: *cidadã*: verdade he que *rascã* nem *capitã* não são mui usados: e, comtudo, *zamboa* e *padoa* e quaesquer que o costume consentir».

Palavras em *-eu* fazem *-éa* no feminino: *européu, europeá, plebeu, plebéa, hebreu, hebréa*. Diz-se, comtudo, *judia* de *judeu*, *sandia* de *sandeu*, *ilhoa* de *ilheu*, e *ré de réu*.

Para os nomes patrios em *-ez* v. Adjectivos.

NOMES DE COUSAS. — Masculinos são todos os nomes de cousas terminados em *-o* atono, e femininos os que terminam em *-a* atono, exceptuando as denominações de letras do alphabeto, que como os demais nomes de letras são do genero masculino (*o alpha, o jota, o kappa* etc.), *dia, tapa* e os vocabulos de origem grega, quer vindos atravez do latim, quer tirados directamente do grego, e que neste idioma tomariam o genero neutro. Taes vocabulos são masculinos

em portuguez: *drama, thema, theorema, axioma, atoma, idioma, emblema, clima, problema, lemma, dilemma, cosmorama, panorama*, os compostos de *-gramma* (*diagramma, epigramma, telegramma, monogramma, etc.*), *diaphragma, syntagma, magma, clyisma, prisma, aneurysma, sophisma* etc.

De alguns vocabulos de origem grega tem variado o genero (V. pag.<sup>as</sup> 65, 66 e 70). Em outros altera-se o genero incoherentemente, como a *cataplasma*, porém o *plasma*, o *protoplasma*, o *neoplasma*.

*Ordem e margem* (lat. *ordo, margo*), masculinos em latim, passaram a termos femininos em portuguez. Este mesmo genero têm os demais nomes em *-gem* (a *imagem*, a *vagem*, a *viagem*, a *ferrugem*, etc.). *Linguagem e linha-gem* também se usaram no masculino (v. pag. 67).

Nomes abstractos em *-ião*, como *legião, opinião, occasião, região, rebelião*, são femininos conforme a regra dos nomes latinos em *-io*. Tomam o mesmo genero os innumerados termos abstractos em *-ção, -são, -zão*, filiados a palavras latinas em *-tio, -sio* (*condição, razão, fusão, produção, ambição, dicção, appellação, ampliação, etc.*) ou creados por analogia, de expressões verbaes modernas, como *mastreacão, estagnação, civilisação, vaccinação, amalgamação, etc.* São ainda femininos: *multidão, solidão, fortidão* e outros, que se prendem com a formação latina em *-tudo* (*multitudo, solitudo* etc.).

Usam-se, pelo contrario, no masculino os nomes concretos em *-ão*, exceptuando a *mão*, por exemplo: *chão, grão, alcatrão, algodão, agrião, bastão, bordão, diapasão, feijão, pilão, pirão, pistão, latão, galão, limão, melão, pulmão, sabão, torrão, coração, tostão, turbilhão, violão, verão, bastião, pavilhão, botão, galeão, trovão* etc.

No masculino também se usam os augmentativos em *-ão, -arão, -eirão*, ainda que procedam de vocabulos femininos: *garrafão, carroção, casarão, boqueirão, caldeirão, pranchão, salão, florão, portão, barracão, caixão, palavrão* etc.

São femininos *grade, cidade* e todos os nomes abstractos (*amizade, verdade* etc.) em *-ade*, em *-ice* e *-ez*, derivados de adjectivos e substantivos (*altivez, solidez, velhice, macaquice, meninice* etc.), e os abstractos em *-ude*

(saude, virtude, altitude, etc.). Accrescentem-se ainda a esta serie de vocabulos, por serem de igual genero, *vez*, *fraude*, e os termos concretos *fez*, *tez*, *torquez*, *cegude* e *incude*. Outros nomes em *-ez* e *-ude* são masculinos (*pez*, *revez*, *jaez*, *arnez*, *calcez*, *convez*, *pavez*, *gurupez*, *grés*, *viez*, *envez*; *açude*, *alaude*, *ataude*, *almude*, *embude*, *grude*, *talude*).

Pondo de parte os nomes abstractos em *-ão* e os femininos em *-ez* a que acabamos de nos referir, são em geral masculinos os nomes oxytonos: *chá*, *tafetá*, *pé*, *dó*, *nó*, *pó*, *cipó*, *café*, *fubá*, *maracujá*, *gral*, *mal*, *sal*, *rubi*, *annel*, *mel*, *ar*, *lar*, *altar*, *lugar*, *chapeu*, *ceu*, *calhau*, *grau*, *sarau*, *pau*, *som*, *dom*, *jardim*, *sol*, *lençol*, *funil*, *búril*, *barril*, *papel*, *tonel*, *vergel*, *anzol*, *cinzel*, *docel*, *cordel*, *batel*, *ardil*, *redil*, *covil*, *canil*, *farol*, *paiol*, *caftan*, *yatagan*, *tapinhoan*, *afan*, *ademan*, *armazem*, *desdem*, *harem*, *vintem*, *trem*, *bergantim*, *espadim*, *anexim*, *estoquim*, *capim*, *tamborim*, *alecrim*, *festim*, *flautim*, *nariz*, *paiz*, *matiz*, *tamiz*, *chapariz* etc.

↳ Exceptuam-se desta regra:

- a) um nome em *-á*: *pá*.
- b) os seguintes em *-é*: *fé*, *sé*, *galilé*, *galé*, *maré*, *polé*, *ralé*, *libré*.
- c) os seguintes em *-ó*: *enzó*, *filhó*, *ilhó*, *mó*.
- d) um nome em *-al*: *cal*. Por subentender-se algum termo feminino, tomam este genero os substantivados *bacchanal*, *saturnal* (festa); *pastoral*, *credencial* (carta); *inicial* (letra); *cathedral* (igreja); *diagonal*, *horizontal*, *vertical* (linha) e outros.
- e) um nome em *-er*: *colher*.
- f) tres nomes em *-or*: *cor*, *dor*, *flor*.
- g) os seguintes em *-an*: *can*, *chan*, *lan*, *roman*, *gran*, *maçan*, *manhan*, *avellan*, *sertan*, *hortelan*, *barbacan*, *milhan*.
- h) um nome em *-au*: *nau*, e os de ditongo *-ei*: *grei*, *lei*.
- i) os seguintes em *-iz*: *boiz*, *cerviz*, *cicatriz*, *matriz*, *raiz*.
- j) os seguintes em *-oz*: *foz*, *noz*, *tardoz*, *voz*.

- k) dous nomes em *-uz*: *cruz*, *luz*.  
 l) tres nomes em *-az*: *paz*, *tenaz*; *agua-raz*.  
 m) um nome em *-em*: *cecem*.

Das palavras em *-e* atono, são do genero feminino, alem das já mencionadas:

1.º as que terminam em *-ede*, *-ide* (excepto *cabide*) em *-ave* (menos *conclave*), *-eve*, *-ebe*; em *-ase*, *-asse*, *-ace* (excepto *desenlace*, *passé* e compostos); em *-ese*, *-ece*, *-esse* (menos *interesse*); em *-ose*. Taes são: *parede*, *rede*, *sede*, *séde*; *vide*, *lide*; *ave*, *chave*, *trave*, *clave*; *neve*, *greve*; *plebe*, *sebe*; *base*, *face*, *phase*, *gase*, *alface*; *prece*, *messe*, *these* (e compostos), *analyse*, *catalyse*, *diocese*; *dose*, *apothese*.

2.º as palavras *carne*, *tarde*, *glande*, *lande*, *falange*, *fome*, *febre*, *lage*, *haste*, *peste*, *veste*, *fouce*, *mole*, *prole*, *pelle*, *hecatombe*, *crise*, *couve*, *grippe*, *sege*, *estirpe*, *ellipse*; *arvore*, *tosse*, *posse*, *hoste*, *ode*, *noite*.

3.º os termos *glotte* e *epiglote*, ao passo que são masculinos todos os mais nomes em *-ote*.

4.º *fonte*, *fronte*, *ponte*, em opposição a *monte*, *horizonte* e os compostos de *-odonte*, que são masculinos.

5.º os compostos de *-pole*: *metropole*, *necropole*, etc.

6.º *arte* e *parte*, sendo masculinos os demais nomes em *-arte*.

7.º *gente*\*), *frente*, *mente*, *semente*, *aguardente*, *vertente*, e os substantivados em *-ente* referidos ao conceito «agua» (no sentido proprio ou figurado): *nascente*, *enchenete*, *torrente*, *corrente*, ou «linha» (*tangente*, *secante*, etc.).

8.º os termos eruditos derivados por meio de *-ite*, designando doenças, rochas, plantas (*bronchite*, *fulgurite*, *clematite*, etc.).

9.º os seguintes nomes em *-orte*: *sorte*, *morte*, *côrte*, *cohorte*.

10.º os terminados em *-ie*: *effigie*, *serie*, *especie*, *congerie*.

---

\*) *Gente* é nome colectivo applicavel sómente a seres humanos considerados em conjunto; mas apesar desta particularidade o vocabulo é tratado em lingua gem como os demais collectivos, como se fora nome de cousa.